

Literatura e jornalismo na revista ilustrada: diálogo e complementaridade

Joana Santos Neitsch,¹

Resumo: Uma análise de edições das revistas Bravo e Senhor procura delinear aspectos dos valores-notícia do jornalismo, quando este divide espaço com a literatura. Verifica-se se, no processo de edição, a literatura é e pode ser tratada com critérios baseados nos valores-notícia jornalísticos. Observa-se, ainda, como periódicos jornalísticos que trazem textos literários tornam seu discurso mais complexo, quando a apresentação desses textos extrapola a presença em uma seção isolada.

Palavras-chave: crítica cultural, jornalismo cultural, literatura, revista ilustrada, valores-notícia

Introdução

Ainda que nas páginas de uma mesma publicação, literatura segue sendo literatura, jornalismo continua como jornalismo. Mas a interação de ambos através da justaposição nas páginas de uma revista, pode ser bem mais rica que a mera proximidade de seções.

A abordagem e ênfase da literatura no jornalismo, não apenas como objeto de pauta, mas com a publicação de textos literários pode dizer muito do perfil de uma publicação. Fragmentos de obras completas e principalmente contos e crônicas estão presentes em jornais diários e revistas semanais ou mensais. No entanto, é nas revistas segmentadas de cultura ou literatura que este tipo de texto costuma receber um tratamento mais acurado.

¹ Joana Neitsch é bolsista Pibic/CNPq no projeto *Intervenções culturais do jornalismo: arte, literatura e crítica*, sob orientação da professora doutora Daisi Vogel, da Universidade Federal de Santa Catarina.

A partir da análise das revistas *Senhor*² e *Bravo*³ propõe-se uma análise dos procedimentos adotados para publicação de textos literários em periódicos, bem como a influência que estes recebem e têm sobre a publicação como um todo.

Para efeito de comparação serão analisadas as edições de março, abril e maio de 1960 da revista *Senhor* e março, abril e maio de 2008 da revista *Bravo*. Este recorte é feito apenas com base na necessidade de delimitar o objeto de estudo, sem que haja nenhum marco cronológico específico entre os dois períodos que tenha levado a essa escolha. Vale, ainda, ressaltar que as duas publicações pesquisadas apresentam uma série de aspectos, como linha editorial, enfoque e público alvo bastante diferenciados. O ponto de partida não são essas diferenças, mas sim o fato de ambas publicarem literatura e é a partir desta característica que serão traçados paralelos entre *Senhor* e *Bravo*.

É pertinente observar a presença de textos literários em produtos jornalísticos pelo viés do entretenimento. Há, contudo, outros fatores de maior complexidade que podem envolver o estudo destas publicações: (1) a existência de valores-notícia na escolha e inclusão dos textos literários nas revistas e (2) a influência que o interesse humano tem na definição deste valor. Outra questão a ser considerada é (3) o tratamento que estes textos têm em sua inserção nas revistas: se recebem destaque através da edição das capas e índices e da diagramação. Questiona-se se os editores do materiais jornalísticos, pela característica destes produtos lidarem com o factual na maior parte da publicação e terem, supostamente, um caráter de compromisso com a verdade, possuem uma preocupação em delimitar o que é a ficção, o mito.

1 – *Valores-notícia na publicação de textos literários nas revistas*

² Publicada entre 1959 e 1964 pela Editora Delta, *Senhor* era uma revista mensal voltada ao público masculino, de alto poder aquisitivo e elevado nível cultural. Um dos seus criadores e editores, Nahum Sirotsky descreve o projeto: “Teria ensaios sobre grandes temas de todos os tipos por grandes nomes. Publicaria uma novela em cada número e uns contos. Serviços para homens, como vestir bem, preparação de *cocktails*, escolha de bons vinhos, resenhas de livros de utilidade para o empresário e etc. As capas seriam especialmente criadas por artistas brasileiros, assim como as ilustrações. Tudo boa arte. Teria o tamanho de Esquire e preço de capa várias vezes mais caro do que a mais cara do Brasil para que fosse símbolo de status. (Sirotsky *apud* Basso, 2006, p.2)”

³ Com dez anos completos em 2008, *Bravo* é uma revista mensal, reconhecida por produzir jornalismo voltado à área cultural, publicada pela editora Abril. A revista tem uma espécie de agenda a ser cumprida, está sempre tratando cobrir estréias e lançamentos e repercutir e analisar o que se destaca na área da cultura. Divide-se em seções por áreas: *Música, Teatro e Dança, Artes Plásticas, Cinema e Livros*. No final das edições traz a última seção chamada *Saideira*, que publica ficções inéditas.

Uma das chaves do jornalismo cultural é a sagacidade de detectar as tendências. (Rivera, 1995, p. 34) Muitas vezes, antes mesmo de publicar a crítica ou análise do trabalho de um autor, as revistas publicam textos dele. Essa escolha pode ser entendida como uma aposta de que a obra vai ter uma considerável repercussão. Em sua edição de Março de 2008, Bravo traz um trecho do primeiro capítulo do romance *O Conto do Amor*, de Contardo Calligaris, o livro seria lançado no mês seguinte. Essa detecção de tendências pode ser interpretada como a necessidade de vincular o texto literário, ainda que fictício, a um valor notícia: a novidade. Franciscato considera que “[...] compete à atividade jornalística tanto identificar aqueles [eventos] que serão reconhecidos como novos por públicos mais amplos quanto torná-los mais facilmente reconhecidos (Franciscato 2005, p.158-159)

A seção *Saideira* da revista Bravo traz sempre uma ficção inédita- como indica a própria cartola. A expectativa que o leitor tem ao abrir a revista para ler as notícias se estende para a literatura. Assim, diferente da busca que se faz na estante da biblioteca pelo clássico e consagrado ou nas prateleiras da livraria pelo *best-seller* que já recebeu sua parcela de crítica e atenção, espera-se da literatura na revista uma rápida dose de novidade.

Não é tão simples julgar o que será novidade a ponto de suprir as expectativas do público. Pode ser mais seguro trazer textos, ainda que inéditos, mas de autores conhecidos. No caso de Calligaris, o autor já tem outros livros publicados e é ensaísta e colunista do jornal *Folha de São Paulo*. Lançar novos escritores é uma decisão que passa pelo crivo dos editores. Basso relata que enquanto estreava na literatura nacional Clarice Lispector “[...] encontrou em *Senhor*, motivada por Paulo Francis, uma abertura para seus textos.” (Basso, p.9) Ivan Lessa, que foi repórter da revista, conta que a escritora publicava na revista quando ainda “só era conhecida no metiê”. Na época em que morava nos Estados Unidos ela mandava os textos para a revista “Chegava tudo por carta. Lembro daquele, *A Menor Mulher do Mundo*. Sensacional. Apareciam os envelopes americanos, a gente voava lá. Feito exemplar novo da *New Yorker*.” (Lessa, 1999, p.3) Sendo pouco conhecida, era fundamental a Clarice conquistar antes do público, os editores da revista.

Sousa considera a ênfase que os *cultural studies* dão ao “[...] caráter sociocultural de produção da informação jornalística, uma vez que seu objeto é, de

algum modo, a análise dos processos de atribuição de sentido à realidade enquanto processos de natureza social e cultural [...]” (Sousa, 2002, p.82) Logo, da mesma forma que se atribui sentido à realidade na seleção e composição da notícia, na escolha do texto literário essa atribuição pode ser feita na ligação que seu conteúdo venha a ter com a realidade ou ainda pela factualidade que o texto tenha devido à evidência de seu autor.

A periodicidade é outra característica que acaba sendo incorporada pela literatura. Ainda que a concepção do texto publicado não acompanhe, necessariamente, o ritmo da redação da revista, para o leitor sempre é oferecido algum texto no período regular de distribuição especialmente quando há uma seção estritamente voltada à literatura. Assim, a literatura passa a ser lida em uma periodicidade jornalística que “[...] tornou-se um modo de ordenar o tempo social com capacidade não apenas de controle e normatização, mas de criação de formas, práticas e processos sociais materiais ou simbólicos- parte de um processo mais amplo de experiência social do tempo [...]” (Franciscato, p.142)

2- *O interesse humano*

Ao analisar a narrativa jornalística, Albuquerque descreve o interesse humano como a razão de ser das chamadas *soft news*, aquelas notícias que atraem o público pela carga subjetiva e não apresentam, necessariamente, fatos que alteram sua realidade, mas que têm forte peso emocional, seja pelo drama, pelo inusitado e até mesmo bizarro. Nesse tipo de notícia, “o jornalista teria grande autonomia interpretativa e, mesmo, inventiva.” Para o autor, a dimensão narrativa que as notícias podem ter pertencem “[...] à ordem do mito, uma vez que veiculam respostas plausíveis para questões desconcertantes sob a forma de estórias.” (Albuquerque, 2000, p.70) Se essa “forma de estórias” atrai tanto o público pelo aspecto narrativo, em um texto literário não seria diferente. O que pode se alterar é a carga simbólica, pois ao ler uma narrativa ficcional, não há o parâmetro da realidade, de um fato que aconteceu e gera conseqüências, ainda que para terceiros. Por outro lado, muitas vezes, o conteúdo da ficção, se inspira na realidade, se confunde com ela, poderia perfeitamente acontecer. Esse aspecto em uma publicação jornalística pode ser bastante relevante, possibilitando, inclusive, o contraponto entre a notícia e a literatura.

Na edição de março de 60 da *Senhor*, o conto de Marques Rebelo *O Vôo no Vácuo* narra a história de um soldado que esperava ansiosamente a baixa do exército, em tempos em que a situação política de seu país era inquietante, ele recebe do sargento o desafio de atravessar um trilho estreito com um abismo abaixo. Na travessia ele se desequilibra e com este trecho o texto, que é todo em primeira pessoa, se encerra o conto: “[...] vi-me solto no ar, precipitando-me contra uma coisa verde e trêmula, e o grito lancinante dos meus companheiros conseguiu ferir meus ouvidos.” Este conto é precedido entre um texto identificado como reportagem e com o título *Fome- a grande descoberta do século XX*, escrito por Josué de Castro, que após ter sido presidente executivo da FAO (Food and Agricultural Organization), órgão da Organização das Nações Unidas de combate à fome, ele apresenta a "Campanha Mundial Contra a Fome". *O Vôo no Vácuo* é seguido por outro texto identificado como reportagem no sumário, mas com tom de ensaio, seu título é *Para onde vai o Brasil?*. Aspectos positivos e negativos da economia brasileira, nos dez anos que antecedem a publicação são apresentados, com base na pesquisa da Empresa Nacional de Organização e Pesquisa - ENOP. Também foi traçada uma prospecção dos dez anos seguintes.

Entre temas extremamente sérios, tratando de economia e problemas sociais, está o conto, como que para quebrar o ritmo, trazer leveza. Por outro lado, a narrativa do conto traz questões que não são tão leves, um militar, em um país em crise e o fim da história com a incerteza do “vôo no vácuo”. Não há na revista nenhuma referência de um texto para o outro, mas se forem lidos em seqüência podem, perfeitamente, construir um discurso reflexivo sobre a situação do Brasil naquele momento – e o interessante é que se tratava da década em que teria início a Ditadura Militar.

Para Ponte, “Tudo na narrativa jornalística, como na literária pode ser considerado significante.” Ela sustenta que “Como no realismo literário, o jornalismo sustenta-se na sua capacidade de descrever.” (Ponte, 2004, p. 28) Essa comparação pode ir além do realismo literário e se estender a toda a literatura, se conforme Bird e Dardene “as notícias, como os mitos não contam as coisas como elas são, mas contam segundo seu significado.” (Bird & Dardene, 1993, p.267). Desta forma, o leitor pode encontrar na revista a literatura, que é mais reconhecida por trazer em suas linhas os mitos, vizinha, confrontando e complementando o formato, ainda que sutil, do jornalismo de retratar os mitos contemporâneos.

3 - *Escolhas editoriais*

A seção *Livros* da *Bravo* traz resenhas, reportagens sobre obras, seus autores e temas a eles relacionados, crítica e agenda com sugestões de leitura, mas nenhum texto literário. É apenas na seção *Saideira*, que ocupa três páginas no final da revista, que este tipo de texto vai aparecer. Nas três edições analisadas, a primeira página da *Saideira* é composta somente por texto, a segunda é toda preenchida por uma ilustração e a terceira concilia o texto com uma ilustração de até meia página. A ilustração pode ser interpretada como um aspecto que valoriza o texto e atrai a atenção. Já a estrutura sempre repetida da diagramação, ao mesmo tempo que confere um aspecto de caráter gráfico bastante definido, é repetitiva, não surpreende.

Na revista *Senhor* os textos literários estão distribuídos em diferentes seções: *Ficção*, *Contos*, *Humor* e *Inéditos*. A posição destes em cada edição se dá sem delimitações definidas com outros gêneros, como reportagem ou opinião. O uso de cartolas nas páginas varia e, algumas vezes, se não for feita uma consulta ao sumário, é necessário ler um bom trecho do texto para descobrir se é ficcional ou não. A aparente desordem constrói uma integração com os diferentes gêneros. O tratamento dado no *design* dos textos era muito cuidadoso, chegando a dar destaque o que era literário. Na edição de março de 60, a novela *A imitação da rosa*, de Clarice Lispector, vem em um formato especial, suas páginas têm menos da metade da largura da revista e formam um encarte cumprido, que pode ser destacado e lido como um livreto.

Em nenhuma das capas analisadas, *Bravo* traz chamadas dos textos literários. Há, sim, em todas as três edições, uma chamada para a seção *Livros*. A capa de *Senhor* de março de 60 traz 15 chamadas, dessas três são para textos literários: “*Uma novela de Clarice Lispector*”, “*Uma cena de Nelson Rodrigues*” e “*Memórias de Marques Rebelo*”. Na edição de abril, duas das cinco chamadas são sobre literatura: “*Uma novela de Guimarães Rosa, especialmente escrita para o SR.*” e “*A simples e exata estória do burrinho comandante*”. Não há chamadas na capa do mês de maio.

Enquanto *Bravo* totaliza três textos de literatura nos meses pesquisados, *Senhor* tem 14 textos literários somados nas publicações consultadas. É válido lembrar que *Bravo* tem uma espécie de agenda a ser cumprida e pautas específicas voltadas ao factual. Já *Senhor*, ainda que com uma preocupação em satisfazer seu público culto, tinha mais flexibilidade, em alguns meses trazia mais literatura, em outros menos, se

focando em fatos recentes, através de notícia ou ensaios. Logicamente, esta flexibilidade também estava ligada às contribuições de que a revista dispunha, em uma época em que a comunicação era bem nem menos rápida e muitos dos colaboradores moravam no exterior.

Conclusão

A presença dos textos literários em revistas interfere no perfil da publicação, assim como também na forma em que é feita a leitura deste tipo de texto. O fato de ser recorrente a presença de pequenas porções de literatura entre textos jornalísticos e de opinião não faz com que se diluam as diferenças entre as páginas. A literatura incorpora aspectos do jornalismo: passa ter a importância da novidade realçada, é aguardada em uma periodicidade jornalística e recebe um tratamento gráfico e editorial diferente do das páginas dos livros. Nas páginas da revista o texto literário está exposto aos olhares que só folheiam, está compacto para que leituras rápidas os arrematem. Ainda assim prossegue sendo literatura, quebra o ritmo, traz a crítica e o mitológico, a liberdade narrativa que o texto informativo, muito dificilmente, chega a ter.

A revista que publica literatura ganha fôlego e possibilidade de estruturar um discurso com mais fruição. Por serem segmentadas, tanto *Bravo* tem, quanto de *Senhor*, tinha um público disposto a apreciar literatura, ainda assim a forma de oferecê-la pode interferir no nível dessa apreciação. Talvez não caibam, nas exigências mercadológicas em que se situa *Bravo*, as ousadias de se publicar um número tão variado de escritores, de origens tão distintas. Ainda assim as possibilidades que a presença da literatura na revista oferecem podem ser exploradas a fim de, não apenas oferecê-la compacta e isolada, mas criar um diálogo com todo o conteúdo da edição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Afonso. *A narrativa jornalística para além dos fait-divers*. Revista Lumina, Facom / UFJF, v.3 n.2 jul / dez. 2000. [69-91]

BASSO, Elaine. *Revista Senhor: Jornalismo cultural na imprensa brasileira*. Unirevista, 2006

BIRD, E. e DARDENNE, R. *Mito, registro e história* [263-277]. In: Traquina, N. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja 1993.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo *A Fabricação do Presente – como o jornalismo reformulou experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão (SE): Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2005 [115-162]

LESSA, Ivan. *Memórias de Redação*, *Gazeta Mercantil*, 7-9/5/99, reproduzido no *Observatório da Imprensa* nº 67, de 20/5/99

PONTE, Cristina. *Leitura de notícias*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004. [51-137]

RIVERA, Jorge B. *El periodismo cultural*. 3. ed. Buenos Aires: Paidós, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. *Teoria da notícia e do jornalismo* Chapecó, SC: Argos, 2002

Revista Bravo, São Paulo: Abril, nº 127, março de 2008

_____. São Paulo: Abril, nº 128, abril de 2008

_____. São Paulo: Abril, nº 129, maio de 2008

Revista Senhor, São Paulo: Delta, nº 13, março de 1960

_____. Rio de Janeiro: Delta, nº 14, maio de 1960

_____. Rio de Janeiro: Delta, n° 15, maio de 1960